



SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS

Myllena Camargo de Oliveira¹
Angelita Alice Jaeger²

Resumo

Objetivamos promover debates e analisar os discursos acerca da temática referente às sexualidades a partir de oficinas e discussões com professores/as de ensino médio, buscando incentivar a educação para a diversidade sexual. Essa pesquisa é qualitativa do tipo etnográfica. Foi ofertada uma oficina acerca das sexualidades aos/as professores/as de uma escola pública de Santa Maria/RS. As fontes de pesquisa foram produzidas por meio da observação participante registrada em diário de campo, submetidas a análise de conteúdo. Os resultados apontam para divergências dos/as professores/as no entendimento das sexualidades e que a escola precisa respeitar as diferentes orientações sexuais dos/as estudantes. Concluimos que esse trabalho capacitou os/as docentes da escola para tratar da temática.

Palavras-chave: Sexualidade. Formação continuada. Educação.

Considerações iniciais


A sexualidade, geralmente, é percebida como um aspecto natural que consta nos corpos dos sujeitos, homens e mulheres. No entanto, compreende-la somente nesse viés, significa negar as dimensões sociais e políticas, que abrange rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, entre outros. Desse modo, a sexualidade emerge como um emaranhado de processos políticos, sociais, culturais, e não unicamente biológico (LOURO, 2010).

A diversidade sexual constitui e emerge em diferentes contextos, sendo o escolar um dos mais requisitados a problematizar e a tematizar pedagogicamente a questão, uma vez que é na escola que estudantes ensaiam a transposição de barreiras normativas da sexualidade. Alunos/as produzem estranhamentos ao romper os estereótipos de feminilidade e masculinidade, desassossegando o contexto educativo, exigindo que professores/as encaminhem as interações entre os/as estudantes e os docentes. O problema emerge quando os mesmos não se sentem pedagogicamente instruídos para lidarem com a situação. Seffner (2013, p. 149) exemplifica, “se Rafael, numa classe de educação infantil, certo dia, na hora de

¹ Estudante de Graduação, Universidade Federal de Santa Maria, myllencamargo22@gmail.com

² Doutora em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal de Santa Maria, angelita@ufsm.br





escolher uma fantasia, enfiou-se num vestido, a professora já percebe aí o primeiro passo em direção à homossexualidade, e o pânico se instala”.

Uma das disciplinas privilegiadas para tematizar a sexualidade é a Educação Física (LOURO, 2004). A investigação realizada por Machado e Pires (2016) buscou analisar como a diversidade tem sido tratada nas suas aulas de Educação Física e constatou que os/as professores/as percebem alunos/as que desviam das normas da sexualidade a partir dos seus comportamentos e de atitudes discriminatórias de colegas, mas que não minimizam a situação.

A partir dessas considerações, apontamos os seguintes questionamentos: Como trabalhar a temática das sexualidades na escola com professores/as? Que discursos são produzidos acerca das sexualidades na escola? Que estratégias utilizar para uma educação que englobe a diversidade sexual?

Com isso, objetivamos promover debates e analisar os discursos acerca da temática referente às sexualidades a partir de oficinas e discussões com professores/as que lecionam no ensino médio, buscando incentivar a educação para a diversidade sexual.


Metodologia

Essa pesquisa é qualitativa do tipo etnográfica que permite a comunicação entre o/a pesquisador/a e o/a pesquisado/a, a partir de aspectos teóricos e práticos, constituindo-se uma dialética. Desse modo, para que ambos/as possam usufruir de aprendizados proporcionados pelo contexto pesquisado (NETO, 2010).

Desenvolvemos esta investigação em uma escola pública de Santa Maria/RS no ano de 2016, a partir de uma oficina com professores/as dessa escola. Para estimular as discussões utilizamos como estratégias alguns recursos, tais como: planos de aula disponibilizados pela ONU Mulheres e financiados pela comunidade europeia, vídeos, reportagens, imagens, artigos e dinâmicas pertinentes ao tema em tela. Participaram das discussões da pesquisa 15 professores/as.

O planejamento da oficina constitui-se de 4 momentos: o primeiro objetivou entender o conceito de normalidade, a partir do preenchimento de um quadro contendo as palavras sexo, masturbação, hábitos alimentares, fumar, beber, homossexualidade, vacinas, deficiências, roupas e lateralidade na escrita. Em cada item os/as professores/as deveriam marcar se consideravam normal ou não. Após isso, as respostas foram contabilizadas e discutidas no grande grupo a fim de entender a normalidade enquanto um conceito relativo e histórico. O segundo momento consistiu em assistir o vídeo “*Shame no more*” e discuti-lo. O





vídeo aborda a relação entre heterossexualidade e homossexualidade, posicionando a homossexualidade como norma. O terceiro momento consistiu em 8 perguntas estereotipadas acerca da homossexualidade para problematizar as possibilidades de respostas. Essas perguntas foram colocadas numa caixa velada e 8 professores/as voluntários/as retiraram uma, leram ao grande grupo e responderam de acordo com seu conhecimento. Em seguida, as respostas foram discutidas. O último momento consistiu em assistir o curta-metragem “Eu não quero voltar sozinho”, a fim de discutir o papel da escola e dos/as professores/as na educação para a diversidade, sobretudo, a sexual.

As fontes de pesquisa foram produzidas por meio da observação participante que permite a interação entre os/as pesquisadores/as e os sujeitos pesquisados, sendo que os/as pesquisadores/as devem se dedicar ao contexto pesquisado, autodisciplinar-se e estabelecer confiança com os/as participantes da pesquisa (VALLADARES, 2007). Essas observações foram registradas minuciosamente em um diário de campo, que consiste em registrar sistematicamente o que for observado no cenário que se está a pesquisar, incluindo trechos de fala, impressões, sentimentos, entre outros (DALMOLIN; LOPES; VASCONCELLOS, 2002).


As análises das fontes de pesquisa foram submetidas à análise de conteúdo que é um aglomerado de técnicas de análise da comunicação que objetiva sistematizar e descrever o conteúdo das mensagens, possibilitando a inferência e conhecimentos relativos à essas mensagens. É composta por três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. (BARDIN, 2011).

Resultados e discussões

A partir das discussões realizadas, despontaram diferentes discursos em torno das sexualidades, atravessados por debates que envolveram a homossexualidade, a normalidade, religiões, escola e educação. No trecho do diário de campo a seguir, observamos dúvidas que os/as professores/as possuem acerca da homossexualidade, bem como a compreensão da religiosidade no controle da sexualidade:

Em meio às discussões, emergiu o questionamento se a homossexualidade é “normal” na sociedade atual e houve algumas divergências. Algumas professoras diziam que sim, outras negavam a normalidade da mesma, mas que hoje está se tornando cada vez mais normal e tolerável. Foram questionados/as em quais aspectos a homossexualidade não se encaixaria enquanto normal e uma professora sugeriu que isso se dá por preceitos religiosos. (...). Acrescentaram, ainda, que a questão religiosa, considera a





homossexualidade como pecado e utiliza-se do castigo como forma de opressão. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/08/2016).

A partir disso, percebemos que as religiosidades, entre tantas instâncias sociais, também contribuem com práticas regulatórias da sexualidade por meio de discursos. No entanto, contribuindo com as discussões realizadas com os/as professores/as, Natividade (2006) aponta que há participantes de determinadas religiões que possuem o discurso de que é possível curar a homossexualidade. Esses participantes apoiam-se nas prerrogativas de deputados que estão no poder legislativo e que indicam, por meio de projetos, que os homossexuais precisam se encaixar naquilo que é normal, referindo-se, dessa forma, a heterossexualidade apoiada na natureza da reprodução.

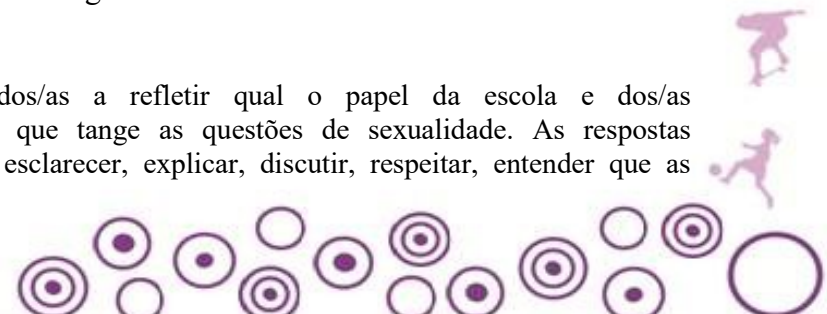
Em seguida, percebemos diferentes posicionamentos em torno do que é a homossexualidade e dos atributos que a acompanham. O trecho do diário de campo a seguir nos revela isso:


Ao serem questionados/as se a homossexualidade é uma opção de vida ou uma escolha, houve divergências. Alguns/mas afirmaram ter uma origem genética, outros/as afirmaram que está nos sujeitos desde o nascimento. No entanto, conforme as discussões foram sendo aprofundadas, afirmaram que a educação, a sociedade e a família influenciam na orientação sexual dos sujeitos. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/08/2016).

As análises acerca das reflexões dos/as professores/as que apontam para diferentes posições em torno da homossexualidade e das instâncias que a constitui, concordamos com Borrillo (2001) ao afirmar que, antes de entender se a homossexualidade transita entre concepções apoiadas na escolha ou na característica de um desejo sexual, é necessário conceber a legitimidade da mesma forma que a heterossexualidade. Essa compreensão assume a diversidade sexual e que a homossexualidade está presente entre as sexualidades humanas. Weeks (2010) complementa que a sexualidade abrange aspectos que são construídos ao longo da história pelas sociedades, constituída por meio de crenças, comportamentos, relações e identidades.

As análises dos diários de campo mostraram que as discussões foram direcionadas para ações que são possíveis de serem realizadas pelos/as professores/as para promover o respeito a diversidade sexual, como vemos a seguir:

Foram questionados/as a refletir qual o papel da escola e dos/as professores/as no que tange as questões de sexualidade. As respostas transitaram entre esclarecer, explicar, discutir, respeitar, entender que as





coisas acontecem tanto na escola, quanto na sociedade, e que a escola está caminhando para isso. Falaram que tudo isso sempre existiu, mas que a sociedade velou por muito tempo, e agora está aparecendo mais. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/08/2016).

O exercício de discutir as questões afetas a sexualidade com os/as professores/as, possibilitaram entender que precisam discutir com os/as estudantes, visto que as sexualidades estão presentes na sociedade, sobretudo, na escola. Em concordância com essa análise, Seffner (2014) aponta que identificou, a partir de uma etnografia em dois projetos de pesquisa, que os/as estudantes possuem interesse em falar sobre sexualidade, mas que os/as professores/as não se sentem capacitados/as para isso. Assim, o autor sugere que a escola deixe de solicitar terceiros para a tematização da sexualidade e que os/as professores/as, por meio da formação continuada, possam se apropriar da temática e abordá-la com os/as estudantes, problematizando as diferentes formas de relações que estão presentes na sociedade.

A partir disso, percebemos nas fontes de pesquisa que os/as professores destacaram que a escola na qual trabalham costuma acolher a diversidade por meio de alguns exemplos, como é visto a seguir:


Uma professora apontou que enquanto formadora de opiniões precisa aceitar a diversidade. Outros/as relataram que a escola costuma aceitar e acolher pessoas homossexuais e transexuais e afirmaram que consideraram o nome social de alguns alunos, mesmo quando ainda não era possível. Uma professora comentou um trabalho que fez com os/as alunos/as que tinham que se vestir com o gênero oposto. (...). Complementaram que é necessário saber conviver com as diferenças. (DIÁRIO DE CAMPO, 16/08/2016).

Dessa forma, em concordância com as fontes de pesquisa, vale ressaltar a importância da escola em perceber e promover a diversidade para que estudantes se sintam acolhidos/as e confortáveis, evitando que sofram discriminações e que sejam alvo de piadas e comentários pejorativos. No momento em que a escola se omite e escolhe não enxergar a diversidade dos sujeitos, permite que experienciem a homofobia³, podendo causar o distanciamento de estudantes homossexuais das aulas e da escola (GOELLNER, 2010).

No decurso das produções das fontes de pesquisa, observamos que as sexualidades estão presentes no contexto escolar e que precisam ser tematizadas a fim de promover uma educação para a diversidade sexual, entendendo os processos que legitimam uma sexualidade

³ Goellner (2010, p. 79) indica que a homofobia significa “fazer referência ao desprezo, ódio e mesmo violência dirigido às pessoas homossexuais.”






no centro e a outra nas margens, para que assim, consigamos abranger todos/as no processo educativo.


Considerações finais

As fontes de pesquisa mostraram que alguns/mas professores/as apontam que a homossexualidade é considerada normal na sociedade contemporânea, bem como a entendem como uma escolha. Outros/as afirmam que ela é influenciada pela família, sociedade e educação. Além disso, os/as professores/as assumem que a escola necessita discutir, esclarecer, explicar e, sobretudo, respeitar as diferentes orientações sexuais dos/as seus/uas estudantes. Também, indicam que a escola deve abranger a diversidade.

Após a realização da oficina e as análises das fontes de pesquisa, percebemos que os/as professores/as se sentem um pouco mais capacitados/as para discutir as sexualidades em aula. Com isso, a partir dos depoimentos produzidos por eles/as, entendemos a necessidade da formação continuada aos/as professores/as referentes ao tema em tela para que o ambiente educativo acolha uma educação para a diversidade sexual, entendendo a pluralidade de sujeitos que constituem o território escolar.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORRILLO, D. A Homofobia. Barcelona: Bellaterra, 2001.
- DALMOLIM, B. M.; LOPES, S. M. B.; VASCONCELLOS, M. da P. C. A construção metodológica do campo: etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.19-34, 2002.
- GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. Cadernos de Formação RBCE, mar. 2010. p. 71-83.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MACHADO, A. G.; PIRES, R. G. Identidade de gênero e suas implicações sobre sexualidade na perspectiva de professores de Educação Física. Florianópolis: **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 360-375, set, 2016.
- 



NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 61, p.115-223, jun. 2006.

NETO, V. M. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 176.

SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan/mar, 2013.

SEFFNER, F. Sexualidade: isso é mesmo matéria escolar? Maringá: Revista Teoria e Prática da Educação, v. 17, n. 2, p. 67-81, maio/agosto, 2014.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p. Tradução de: Maria Lucia de Oliveira. Resenha de: VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, n. 63, p. 153-155, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n63/a12v2263.pdf>>.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

